

ENTREVISTA/Jorge Bornhausen

A missão do coordenador político que parece mas não é

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — O futuro ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen, confirmou, em entrevista, previsão feita por um amigo íntimo a respeito de sua função no governo. Bornhausen será um ministro com características semelhantes às de um produto anunciado na TV: vai parecer com a função, ter o jeito da função, o cheiro da função, mas não será coordenador político do governo.

Apesar de nascido no Rio e da carreira política em Santa Catarina, Bornhausen

assume os cacoetes de político mineiro ao tentar definir suas novas funções, para explicar que elas não vão se chocar com as do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que continua, formalmente, coordenador político do governo.

— A parte política, o espaço político dentro do Palácio do Planalto, caberá ao ministro-chefe do Gabinete Civil — diz Bornhausen, que continua defendendo o parlamentarismo, mas para o próximo governo.

Bornhausen antecipa que deverá ter contato com os governadores, presidentes e líderes de partidos, inclusive da

oposição. Passarinho tinha dito que a assessoria jurídico-legal ficaria a cargo de Bornhausen, mas o futuro ministro descartou. Esta função, segundo ele, será exercida pelo secretário geral da Presidência da República, embaixador Marcos Coimbra, já responsável pela área administrativa.

Anunciado pelo Planalto para o cargo, Bornhausen faz sempre uma ressalva — “Se eu assumir o ministério” — numa alusão de que sentar na cadeira que já foi de Golbery do Couto e Silva é uma possibilidade que ainda depende de muitos fatores.

Telefoto de Josemar Gonçalves

O GLOBO — Já está definida sua função no governo?

BORNHAUSEN — Está absolutamente definida. A Secretaria Geral da Presidência ficará com todas as funções burocráticas atuais, todo o comando administrativo e o acompanhamento jurídico-legal. A parte política, o espaço político no palácio caberá ao ministro-chefe da Secretaria de Governo. Eu não só vou ajudar, apoiar o presidente no palácio, como ajudarei e apoiarei os ministros, especialmente o coordenador político do governo, o ministro Jarbas Passarinho.

O GLOBO — Mas seu trabalho não vai se chocar com o do ministro Passarinho?

BORNHAUSEN — Não, porque quando aceitei o convite do presidente o fato ocorreu na presença do ministro Passarinho e ficou muito claro que a posição de coordenação é do ministro Passarinho e a minha é uma posição de apoio.

O GLOBO — Ele mesmo disse que o senhor terá uma função auxiliar. A quem então o senhor vai se reportar: ao presidente da República ou ao ministro da Justiça?

BORNHAUSEN — Naturalmente aos dois. Eu não tenho nenhuma dúvida de que isso será necessário. O presidente é o presidente, é a última instância. Mas o coordenador político, por determinação do presidente, é o ministro Jarbas Passarinho. Então, vamos ajudar os dois.

O GLOBO — O senhor pretende manter contatos políticos com o Congresso?

BORNHAUSEN — Eu passei oito anos no Senado e, na medida que for acionado pelo coordenador político, eu poderei ajudar também no Congresso Nacional.

O GLOBO — Qual a missão mais difícil, consolidar a base de apoio parlamentar ao presidente ou realizar um trabalho que não melindre o ministro da Justiça?

BORNHAUSEN — Nós dois temos a mesma incumbência. Ele a maior e eu a menor, a de realmente fazer a integração política do Executivo com o Legislativo.

O GLOBO — No trabalho de consolidar a base parlamentar no Congresso, além do desmembramento do Ministério do Trabalho e Previdência, que providências da reforma administrativa estão sendo tomadas para contemplar os partidos?

BORNHAUSEN — A reforma está sendo estudada. Só há uma definição: é que realmente será criada a Secretaria de Governo e haverá um ministro-chefe da Secretaria de Governo. O desmembramento do Ministério do Trabalho está em estudos, mas não existe uma definição final do presidente da República.

O GLOBO — Por que ainda não existe uma definição sobre isso?

BORNHAUSEN — Depende de avaliação da sua necessidade para a eficiência administrativa.

O GLOBO — O presidente é considerado um homem politicamente isolado. O senhor vai tentar intensificar os contatos do presidente com os políticos?

BORNHAUSEN — Eu acho evidente que, para que meu trabalho possa ter um bom resultado, é preciso que haja essa ligação



“Minha vida pública foi toda feita sem fisiologia. A sustentação ao governo não se concretizará por aí. O caminho é o da credibilidade”

Jorge Bornhausen

permanente do presidente com a classe política, especialmente com aqueles que dão apoio ao presidente.

O GLOBO — O presidente tem um relacionamento administrativo, de conotações políticas, com o governador Leonel Brizola, relação que era sustentada pelo ex-ministro Alceu Guerra. O senhor pretende trabalhar nessa área?

BORNHAUSEN — Eu acho que o relacionamento do presidente com os governadores e vice-versa é do interesse da nação, porque não podemos entender um governo do estado ou o governo federal que não dialogue, que não estude os problemas de cada uma das unidades da federação. Por isso, a disposição de poder fazer bem meu trabalho passa pelo relacionamento com todos os governadores.

O GLOBO — O senhor pretende entrar em contato com os partidos de oposição?

BORNHAUSEN — Sem dúvida alguma e imediatamente. Desejo dialogar com aqueles que votarão no Congresso, examinando a necessidade ou não da Secretaria de Governo. E, para minha alegria, possuo no meu currículo grandes amizades entre políticos que têm grandes qualidades na oposição.

O GLOBO — Por exemplo?

BORNHAUSEN — Para citar apenas um, o presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro.

O GLOBO — Que partido de oposição é prioritário nos contatos que pretende ter?

BORNHAUSEN — Devemos ter contatos com todos, não para aliciar e dividir, mas para dialogar e alcançarmos os objetivos maiores de que o Brasil precisa.

O GLOBO — Até pouco tempo, o presidente tinha verdadeira

obsessão em conquistar o apoio do PSDB. O senhor vai tentar envolver os tucanos no governo?

BORNHAUSEN — Envolver, jamais. Conversar, dialogar, eu acho que sempre. Eu respeito muito as lideranças maiores do PSDB.

O GLOBO — No PMDB, com quem o senhor vai conversar? Com Fleury ou com Quéricia?

BORNHAUSEN — Em função da possível missão que terei, necessariamente os dois, porque um é presidente de partido e outro governador de estado. Obrigatoriamente, com o governador do estado, pelas funções da Secretaria de Governo.

O GLOBO — Foi o PFL que aderiu ao governo ou foi o presidente que aderiu ao PFL?

BORNHAUSEN — Embora eu respeite muito os integrantes do PRN, numericamente há uma insuficiência no partido do presidente para sustentar no Congresso base adequada para boa governabilidade e, portanto, o presidente tinha que buscar outras agremiações. Ele, no momento, mostrou que deseja o apoio completo do PFL. Acho que deve buscar o apoio de outros partidos, não de forma a dividi-los, mas sim para trazê-los, senão integralmente, quase que integralmente.

O GLOBO — O senhor pretende conquistar o apoio do ex-presidente Sarney, filiado ao PMDB, que controla uma fatia do PFL?

BORNHAUSEN — Em primeiro lugar, tenho que respeitar um ex-presidente da República e jamais chamá-lo para mudar do partido. O segundo problema é minha amizade com ele. Saí do

Ministério da Educação de forma clara e jamais rompi meus vínculos de amizade com o ex-presidente. Sempre que possível conversarei com o ex-presidente Sarney.

O GLOBO — O senhor pretende conversar com os empresários, hoje distantes do governo, em função das críticas que o presidente sistematicamente dirige a eles?

BORNHAUSEN — Não necessariamente. Mas a Casa Civil terá de ter um relacionamento com todos os segmentos da sociedade. Estou falando em Casa Civil porque a Secretaria de Governo equivale à antiga Casa Civil; faz parte desse contexto de relacionamento, de abertura do palácio e de um interlocutor no palácio com o presidente.

O GLOBO — O entendimento nacional vai ser retomado?

BORNHAUSEN — Isso é um assunto que não está na minha alçada. Só o presidente poderá realmente dar uma posição quanto a isso. E ele já apresentou sua agenda para o consenso.

O GLOBO — O senhor acha que com o tempo vencerá as resistências no PFL à sua indicação?

BORNHAUSEN — Eu acho que, para minha alegria, eu não tive restrição de ordem moral de quem quer que seja. Eu tenho 25 anos de vida pública e a coisa que tenho de mais valiosa nesse período é minha credibilidade, minha honradez.

O GLOBO — O PFL é um partido fisiológico? Até recentemente, o partido estava em posição de independência e parece ter mudado em consequência da reforma ministerial.

BORNHAUSEN — Minha vida pública foi toda feita sem fisiologia. Não é por aí que eu considero que o caminho de sustentação do Governo se concretize. Eu acho que o caminho é o da credibilidade. Evidentemente, ao chamar um partido ou alguns partidos para o governo, o chefe do Poder Executivo deve pinçar elementos desses partidos que ele entenda que tenham as melhores qualidades para coparticipar das responsabilidades.

O GLOBO — O senhor continuará defendendo o parlamentarismo, mesmo na condição de auxiliar do coordenador político Jarbas Passarinho, que é presidencialista?

BORNHAUSEN — Eu procurei deixar isso bem claro na conversa que tive com o presidente e o ministro Passarinho. Disse a eles que sou parlamentarista histórico e convicto e que acredito que essa é a melhor forma de governo para o país.

O GLOBO — E qual foi a reação deles?

BORNHAUSEN — O presidente reiterou uma posição também conhecida de que também é parlamentarista e o ministro da Justiça fez o mesmo em relação ao presidencialismo.

O GLOBO — E o senhor vai defender o parlamentarismo já?

BORNHAUSEN — Não. Minha posição sempre foi a de defender o cronograma constitucional que prevê também a realização do plebiscito em 93. Defendo que o novo presidente, este sim, assumirá já no sistema parlamentarista.